

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Carolina Procida Rodrigues

**UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA SOBRE AS VIVÊNCIAS DE
MULHERES A PARTIR DO DIAGNÓSTICO TARDIO DE TRANSTORNO DE
DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE**

São Paulo, SP

2024

CAROLINA PROCIDA RODRIGUES

**UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA SOBRE AS VIVÊNCIAS DE
MULHERES A PARTIR DO DIAGNÓSTICO TARDIO DE TRANSTORNO DE
DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
como exigência parcial para conclusão
da Graduação em Psicologia sob
orientação do Prof. Dr. Diogo Arnaldo
Corrêa.

São Paulo, SP

2024

Bem lentamente a luz se espalha sobre elas.
Filtrada, a sombra ainda embaça seu desvelo.
Enquanto aflora, um rastro oculto, indelével,
dessas mulheres que em seus gestos nos teceram,
move o silêncio onde os temores se aninhavam,
devolve o abraço que acalanta e aclara o enredo.

Passado a limpo, nos percorre esse desejo
de reparar o lado avesso do tecido
onde o cerzido se entrelaça no bordado,
os nós se fecham como laços delicados
e cada ponto, encadeado em elo denso,
a todo um tempo dedicado dá sentido.

Tantos momentos de cuidados nos revelam
mãos que sabiam já de cor seu dom secreto
quando aviavam poções mágicas de afeto
– ralhava a boca, mas soprava no ferido,
ardia a febre, mas o choro se calava,
gelava o medo, mas o rosto era contido.

Sob esse embate a miudeza ganha força
cotidiana e relutante na rotina.
Transpondo tantos obstáculos, fronteiras,
desassombrado, seu condão se denuncia
– agora assoma ao nosso olhar, descortinado,
acende um rastro e o invisível se ilumina.

(Flávia de Queiroz Lima, "Rastro Invisível", 2023)

AGRADECIMENTOS

A todos que colaboraram para a realização deste trabalho, expresso minha gratidão, especialmente:

Aos meus pais e ao meu irmão, que me proporcionaram um enorme apoio e incentivos para que eu pudesse me dedicar com afinco à realização deste estudo.

À minha colega Marianna, que trouxe leveza para o processo de elaboração do presente trabalho, com quem pude compartilhar minhas angústias e encontrar forças para me reerguer quando mais precisei, sempre ao meu lado, abrindo horizontes na minha busca por perspectivas mais autênticas de ser no mundo.

Ao meu orientador, Diogo Corrêa, que me auxiliou no processo de lapidação dos meus pensamentos, de modo a elevar a qualidade da minha escrita, resultando em um estudo que propiciou não só uma contribuição acadêmica da qual me orgulho, mas também um crescimento pessoal.

Ao meu parecerista, Marcos Colpo, que se colocou à disposição para compartilhar seus saberes e impressões, foi uma honra poder ter o seu suporte para o aprimoramento deste trabalho.

RESUMO

RODRIGUES, C. P. **Uma Perspectiva Fenomenológica sobre as Vivências de Mulheres a partir do Diagnóstico Tardio de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade.**

Área do Conhecimento: 7.07.00.00-1- Psicologia

Subárea do Conhecimento: 7.07.10.00-7- Tratamento e Prevenção Psicológica

Título: Uma perspectiva fenomenológica sobre as vivências de mulheres a partir do diagnóstico tardio de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade.

Ano: 2024

Orientador: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa

Autora: Carolina Procida Rodrigues

O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) acomete de 5% a 8% da população mundial com persistência, em adultos, de desatenção e amenização ou anulação de hiperatividade e impulsividade, manifestações muito discretas e de difícil identificação. Na fase adulta há prevalência de 2 homens para 1 mulher, apresentando-se maior frequência de hiperatividade e demandas comportamentais em homens. Nesse sentido, é relevante pensar na construção do feminino através dos tempos e sobre como o diagnóstico tardio de TDAH reflete na mulher. Por meio de uma análise fenomenológica de base merleau-pontyana, e partindo do simbolismo de alguns mitos do feminino, procurou-se compreender as relações entre os sintomas do TDAH e o papel estereotipado da figura feminina na sociedade considerando suas vivências nesse contexto. Ao longo da história, não foi concedido ao feminino o direito de ser um ser por si só. A mulher foi forçada a uma aniquilação de possibilidades de ser que esboçasse qualquer sinal de poder, além de haver um constante reforço social de comportamentos que fortaleçam uma naturalização de estereótipos femininos. O mundo no qual a possibilidade de se reconhecer como alguém única, apesar da condição de adoecimento, precisa ser reconhecido, compreendendo que a existência da mulher nesse caso não se resume à inabilidade de performar seu papel social ou a estar fadada a cometer transgressões. Nesse sentido, ampliar o campo de conscientização existente na saúde mental sobre o assunto colaborará para a redução dos impactos dos construtos sociais da visão do papel da mulher.

Palavras-chave: transtorno de déficit de atenção com hiperatividade; feminino; fenomenologia.

ABSTRACT

RODRIGUES, C. P. A Phenomenological Perspective on Women's Experiences following Late Diagnosis of Attention Deficit Hyperactivity Disorder.

Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) affects 5% to 8% of the world's population, with adults experiencing persistent inattention and a reduction or elimination of hyperactivity and impulsivity, which are very subtle and difficult to identify. In adulthood, the prevalence is two men for every woman, with men showing higher frequencies of hyperactivity and behavioral demands. In this context, it is relevant to consider the construction of femininity through the ages and how late diagnosis of ADHD impacts women. Through a phenomenological analysis based on Merleau-Ponty's framework and starting from the symbolism of some myths of femininity, an attempt was made to understand the relationships between ADHD symptoms and the stereotyped role of the female figure in society, considering their experiences in this context. Throughout history, women have not been granted the right to be a being. Women have been forced into an annihilation of potentialities of being that showed any sign of power, in addition to a constant social reinforcement of behaviors that strengthen the naturalization of female stereotypes. The world in which the possibility of recognizing oneself as a unique individual, despite the condition of illness, needs to be acknowledged, understanding that the existence of women in this case is not limited to the inability to perform their social role or being doomed to commit transgressions. In this sense, expanding the field of awareness in mental health on this subject will contribute to reducing the impacts of the social constructs of the perception of women's roles.

Keywords: attention deficit hyperactivity disorder; feminine; phenomenology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	MÉTODO	16
3	SOBRE A FEMINILIDADE	18
4	O ADOECIMENTO PSÍQUICO FEMININO	26
5	UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE AS VIVÊNCIAS DE MULHERES E O DIAGNÓSTICO TARDIO DE TDAH	31
	5.1 A Proposta de Merleau-Ponty.....	31
	5.2 A Vivência Feminina e o diagnóstico tardio de TDAH através das Lentes da Fenomenologia	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno do neurodesenvolvimento que acomete entre 5% e 8% da população mundial, de acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA, 2022). Esse pode ser caracterizado, segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-11, 2019), como um padrão persistente, de pelo menos 6 meses, de sintomas como desatenção e/ou impulsividade/hiperatividade que causam um impacto negativo e direto no funcionamento acadêmico, ocupacional e social. Quanto ao aparecimento destes sintomas, há evidências significativas de que ocorre, majoritariamente, até o período do início da meia-infância - 12 anos de idade -, apesar de haver casos em que o indivíduo se atenta clinicamente tardiamente.

Para um melhor aprofundamento de tais sintomas, a CID-11 (2019) apresenta que a desatenção pode se manifestar, tipicamente, como uma dificuldade para sustentar a atenção em tarefas que não fornecem um alto nível de estimulação ou recompensa ou que requisita um grande esforço mental, falta de atenção para detalhes, cometer erros descuidados na escola ou em tarefas do trabalho e não completar tarefas. Além disso, pode haver fácil distração por estímulos externos ou pensamentos não relacionados à tarefa em questão, além de apresentar uma desatenção em conversas, no sentido de não escutar quando alguém lhe dirige a fala e continuamente aparenta estar sonhando acordado ou ter a mente em outro lugar. Ademais, costuma perder coisas, ter esquecimento nas atividades diárias, como ter dificuldade para lembrar que deve completar futuras tarefas ou atividades diárias e entraves com planejamento, manejo e organização de tarefas escolares, ou outras atividades. Todavia, é válido ressaltar que a desatenção pode não ser evidente quando o indivíduo está envolvido em atividades que fornecem intensa estimulação e recompensas frequentes.

Em relação aos sintomas da hiperatividade, a CID-11 (2019) afirma que essa pode ser caracterizada por uma atividade motora excessiva, pela realização de múltiplas tarefas simultaneamente, por sensações de inquietação física, atreladas a um senso de desconforto ao ficar quieto ou sentado e dificuldade em envolver-se em atividades calmamente, com tendência a falar muito. Além disso, há uma frequência

em falar sem pensar, o costume de interromper ou se intrometer em conversas alheias e a tendência em agir em resposta a estímulos imediatos sem deliberação ou consideração de riscos e consequências, por exemplo, apresentando comportamentos com potencial risco de lesão física e decisões impulsivas. Para além dos tipos desatento e hiperativo, há uma manifestação combinada do transtorno, referida como Transtorno Hiper-cinético, considerada a forma mais grave, a qual consiste em sintomas de severa desatenção e hiperatividade/impulsividade.

De acordo com Cortese e Coghill (2018), estudos com gêmeos e crianças adotadas apontam para dados que indicam alta hereditariedade para TDAH, com percentagem entre 60% e 90%. Em vista disso, afirmam que a etiologia deste transtorno é explicada por meio de uma interação complexa de múltiplos genes, cada um com um relativo baixo índice de efeito, e por meio da relação entre os genes e as influências de interação ambiental. Partindo dessa concepção, o estudo apresenta uma retomada histórica quanto à evolução científica do estudo de genes relacionados ao TDAH, apontando que as abordagens mais relevantes atualmente envolvem o estudo de associação genômica ampla (GWAS) - o qual consiste na aplicação de métodos matemáticos que identificam associações entre regiões genômicas e traços fenotípicos, utilizado principalmente no estudo de doenças - o que permite a análise de um grande número de polimorfismos comuns, ou seja, presente em frequência superior a 5% na população, de nucleotídeo único em todo o genoma, levando a um resultado de identificação dos primeiros doze loci independentes.

Isso propiciou que as associações fossem enriquecidas em genes intolerantes à perda de função e marcas reguladoras expressas pelo cérebro, abrindo caminho para uma série de novas linhas de investigação na neurobiologia do TDAH. Uma outra abordagem, desenvolvida mais recentemente, foca em uma variação do número de cópias (CNV) rara, ou seja, presente em frequência inferior a 1% na população, que são definidas como replicações ou deleções do DNA com um comprimento de no mínimo 1 KB (quilobyte). CNVs super-representadas no TDAH foram detectadas, mas até o momento, só podem explicar 0,2% da herdabilidade deste transtorno.

Na análise de áreas cerebrais afetadas pelo TDAH, estruturalmente, meta-análises e mega-análises dos exames estruturais de Ressonância Magnética (RM) realizadas nas últimas duas décadas apontaram alterações consistentemente

replicadas nos gânglios da base e em várias outras áreas subcorticais. Já em uma perspectiva funcional, a maioria das áreas hipoativas estão relacionadas à atenção ventral e às redes frontoparietais. Isso está de acordo com a hipótese de que os lapsos atencionais que caracterizam o TDAH, resultam de uma intrusão inadequada da rede padrão na atividade de redes frontoparietal positivas para tarefas de redes atencionais ventral ou dorsal, que tem sido uma das propostas mais inspiradoras na neurociência do TDAH nas últimas duas décadas.

Em relação aos fatores etiológicos ambientais, há evidências significativas que sugerem a influência de fatores de pré e pós-natal no aumento do risco para desenvolvimento do TDAH, tais como: tabagismo e uso de álcool na gestação, baixo peso ao nascer, prematuridade e exposição a toxinas - por exemplo, pesticidas organofosforados, bifenilos policlorados e zinco. No entanto, com exceção do nascimento pré-termo, estudos genéticos implicaram fatores de conflitos familiares não mensurados, os quais não estão de acordo com um papel causal dos fatores ambientais (Cortese; Coghill, 2018).

Outro dado relevante apontado nos estudos sobre o TDAH diz respeito à ocorrência de sobreposição de sintomas de outras comorbidades que tendem a se apresentar concomitantemente ao TDAH. Quanto a isso, de acordo com Thapar (2013), tem-se que este transtorno pode estar relacionado a outros transtornos neuro divergentes, tal qual o Transtorno do Espectro Autista, assim como a problemas no desenvolvimento da fala e da linguagem.

Além disso, também existem dados significativos que comprovam um alto índice de comorbidade com outros transtornos psiquiátricos e comportamentais, notoriamente relacionados a comportamentos problemáticos e antissociais, abuso de substâncias e transtornos de humor, sendo todos estes apontamentos explicados pela herdabilidade. Entretanto, há estudos que sugerem uma abordagem que avalia o TDAH como um conjunto de sintomas de transtornos externalizadores.

Em vista disso, um ponto crucial que difere essa visão daquela que considera a sobreposição de problemas do neurodesenvolvimento é de que alguns destes problemas/transtornos podem se manifestar tardiamente e podem surgir como uma consequência do diagnóstico de TDAH. No entanto, isso não é necessariamente uma

regra para casos de problemas de conduta precoce que se atrelam diretamente com o TDAH.

Diante destes dados, faz-se necessário avaliar a persistência do quadro de TDAH na vida adulta, assim como os casos de diagnóstico tardio. Segundo Paes (2018), em adultos com este diagnóstico, é frequentemente apontado a persistência dos sintomas de desatenção e a amenização ou anulação de sintomas de hiperatividade e impulsividade. Para além disso, os sintomas de desatenção, geralmente, se mostram mais manejáveis do que aqueles de hiperatividade e impulsividade, de modo a tornarem-se manifestações muito discretas e de difícil identificação, o que pode culminar em um diagnóstico falso-negativo.

Ademais, Paes (2018) afirma que há três tipos de remissão de sintomas no quadro do TDAH: *sindrômica* - referente à perda completa da sintomatologia -, *sintomática* - referente à perda da sintomatologia subliminar - e *funcional* - referente à perda da sintomatologia subliminar em conjunto à recuperação da sintomatologia funcional. A isto, soma-se o apontamento de que em casos de diagnóstico em adultos, a referência de remissão sintomática é recomendada, visto que, frequentemente, há redução do sintoma com o passar do tempo, embora os impactos provenientes destes sintomas persistam.

Paes (2018) pontua que o diagnóstico tardio pode ser compreendido como uma consequência de certas condições individuais que interferem na detecção do TDAH, pois estas influenciam na expressão dos sintomas e no desenvolvimento do quadro clínico. Dentre essas, tem-se as habilidades intelectuais do sujeito, funções executivas bem desenvolvidas, ambientes estruturados e práticas parentais. Diante destas circunstâncias, constata-se que aqueles que dispõem destas atribuições, possivelmente desenvolvem estratégias de compensação no período da infância e, quando adentram o período da vida adulta, tem seus contextos/ambientes alterados, de forma que seus métodos compensatórios são desestabilizados, e consequentemente, a organização de sua estrutura.

Perante este cenário, o manejo dos sintomas do TDAH é dificultado ao ponto do quadro clínico se tornar perceptível. Atrelado a isso, o estudo traz que o diagnóstico tardio pode receber esta nomenclatura quando relacionado ao surgimento do quadro

posteriormente aos 12 anos de idade. No entanto, é destacado um conflito desta manifestação tardia na inclusão desta como pertencente ao quadro do grupo de transtornos do neurodesenvolvimento, o que implicaria em uma desconsideração de características próprias, em decorrência de possíveis diferentes causas em comparação ao TDAH diagnosticado até os 12 anos de idade, o que poderia sugerir uma classificação do quadro tardio como uma síndrome adquirida.

Considerando o período de diagnóstico, Salve (2021) aponta que o TDAH possui uma prevalência na infância estimada entre 4% e 7% dos casos, enquanto na fase adulta este número cai para 2,5%. Além disso, é apontado que há uma prevalência nos casos de TDAH diagnosticados na infância que persistem na vida adulta, entre 15% e 60%. Também é afirmado que este transtorno possui um índice de prevalência, em crianças e adolescentes, três vezes maior em meninos, ao passo que, na fase adulta, este índice tende a decair para 2:1 (homens/mulheres).

Essa diferença de gênero é explicada através de uma maior frequência de sintomas de hiperatividade e problemas comportamentais em meninos, o que os torna mais propensos a serem referidos clinicamente. Em contrapartida, meninas com TDAH apresentam mais sintomas atencionais que, atrelados a mecanismos de enfrentamento, reduzem a probabilidade de referência clínica. Somado a isso, a pesquisa aponta que mulheres possuem maior propensão a desenvolver comorbidades como transtornos depressivos e alimentares, ao passo que homens têm maiores chances de desenvolver comorbidades relacionadas ao uso de substâncias.

Partindo desta diferenciação de gênero, se faz necessário pensar na construção do feminino através dos tempos e como isso se reflete atualmente. Nesse sentido, é válido pontuar que a construção do corpo feminino está ligada ao modo como o indivíduo estrutura a sua subjetividade a partir das normas sociais e de suas vivências. Quanto a isso, Robles (2019) traz um olhar voltado para essa reflexão, avaliando como foi moldada esta construção do simbolismo do feminino ao longo do tempo, através dos mitos e das representações de deusas, e como isso ainda está enraizado nas concepções atuais do que significa ser mulher. Assim, essa filosofia contribui para pensar como os sintomas de TDAH no diagnóstico de pessoas

socializadas como mulheres está entrelaçado com as concepções postas nos estereótipos da figura feminina.

Para pensar o conceito de feminilidade, Robles (2019) traz um olhar para as teorias orientais concebidas há muito tempo, apontando,

No eterno combate entre os atributos relativos a cada sexo, a hostilidade aumenta em consequência das contradições. Desse modo, afligidos pela obsessão de poder e não poder, os homens guerreiam das formas mais diversas e se concentram em uma única tarefa, seja prática ou racional. As mulheres, por sua vez, continuam a expressar sem grande alarde sua aptidão para preservar a vida como uma figura divinizada, a menos que se deixem empolgar por perversões que as desviem do seu compromisso. Graças à sua intuição amorosa, desde tempos imemoriais governam disfarçadamente a ordem presente e futura da consciência. Com peculiaridades que, em dadas ocasiões, separam a mulher das deusas e que podem levá-la a desvirtuar sua missão de aperfeiçoamento interior, segundo o caráter de cada povo, a aprendizagem e a sedimentação de cada cultura, surgem as Heras doentes pelo ciúme de seu Zeus luxurioso, as Afrodites em busca do amor; uma Circe feiticeira, senhora de seus domínios, tão versada na arte da palavra quanto hábil em transformar homens em porcos; há também Cassandras portadoras do dom da profecia, ainda que condenadas a que nunca se acredite nelas; Atenas combativas, esposas que atacam os maridos com um machado e incorrem na síndrome de uma Clitemnestra sem recurso de salvação; Medeias matricidas, enlouquecidas pelo desamor e pelo abandono; ou Ledas ingênuas que, sentadas em seus banquinhos ao pé da lareira, são seduzidas por um cisne que as penetra depois de deslizar ao longo de seus peitos. (Robles, 2019, p.17).

A partir desta perspectiva, Robles (2019) afirma que mulheres e deusas compartilham um destino entrelaçado com a fatalidade, ou seja, independente da circunstância em que mulheres se ergam ou sonham, invariavelmente irão se deparar com a condição de fragilidade imposta pelos homens. Assim, não se apresenta uma possibilidade intermediária para a condição feminina, de modo que ou assume ou nega o seu compromisso, ou valoriza ou desvirtua suas dádivas, ou seja, assume a sua natureza ou cede às tentações do abismo.

Frente a isto, propõe que se reflita acerca do significado da experiência da feminilidade através da seguinte afirmação,

(...) entender os recônditos de uma feminilidade que, sem distinção de época ou de língua, demonstra uma única experiência: quando cede à tentação da queda, a mulher manifesta o pior de sua natureza; por outro lado, ao se aceitar como expressão do divino, ascende até a claridade e completa sua missão com alegria. Aquela que entende e compartilha redobra a esperança de continuidade digna em um mundo que já não mais nos oferece oportunidade

de erro, pois já atentamos cabalmente contra os princípios fundamentais, inclusive contra a vida. (Robles, 2019, p. 22).

Isto posto, também é interessante voltar-se a uma perspectiva do significado de feminilidade atravessada pelas concepções de percepção e expressão postas na fenomenologia de Merleau-Ponty. Segundo o autor, o corpo pode ser considerado um espaço expressivo e a expressão seria a “capacidade de transcendência inerente a cada um de meus dispositivos corporais, e por cujo meio alcanço, para além dos dados que cada dispositivo pode encerrar, a totalidade que estes dados integram” (Müller, 2001, p. 151).

Por transcendência, pode-se compreender a ultrapassagem de um determinado sentido fixo, a fim de poder desvelar uma nova possibilidade de sentido daquilo, ou seja, transcender é viver um mundo onde os sentidos são constituídos e transformados de acordo com o modo como se relaciona com o mundo, com as pessoas e o indivíduo com si mesmo. Deste modo, pode-se compreender a expressão como,

(...) uma relação de fundação (na forma de movimentos de transcendência) que nossos dispositivos anatômicos experimentam junto aos dados sobre os quais se lançam. Independentemente de qualquer agente ou causa externa, ela é o nascimento de uma totalidade, ao mesmo tempo indissociável e irreduzível aos dispositivos anatômicos envolvidos. (Müller, 2001, p. 152).

A partir destas reflexões, questiona-se como a feminilidade pode estar intrinsecamente relacionada a esta visão de mundo que parte do corpo como um espaço expressivo e quais as significações disto perante o contexto dos impactos do diagnóstico tardio de TDAH em pessoas socializadas como mulheres. Assim, este estudo de pesquisa teórica buscou realizar uma análise fenomenológica – com base no pensamento de Merleau-Ponty acerca das noções de percepção e expressão – sobre as vivências de mulheres a partir do diagnóstico tardio de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade considerando-se a possibilidade de relações entre os sintomas do fenômeno em questão e o papel estereotipado da figura feminina na sociedade.

A relevância da discussão proposta por este estudo se dá na ampliação do campo de conscientização que se tem para fatores que são impactados pelos construtos sociais da visão do papel da mulher, e neste caso, como isso impacta o

campo da saúde mental, focando no diagnóstico de TDAH. Ademais, no campo da Psicologia, este estudo é relevante porque pode fornecer suporte para compreender o contexto social a priori de uma análise do indivíduo no quesito da avaliação diagnóstica. Assim, este estudo objetiva auxiliar na ampliação de dados acadêmicos sobre o TDAH em mulheres, visto que a maioria dos estudos é voltado ao público masculino.

2 MÉTODO

O presente estudo dispôs do modelo de pesquisa teórica acerca dos impactos do diagnóstico tardio de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) em relação às vivências de pessoas socializadas como mulheres com base em uma perspectiva fenomenológica merleau-pontyana.

Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o diagnóstico do TDAH, cujos critérios para inclusão de artigos foram possuir informações relevantes acerca dos sintomas, das implicações biológicas e ambientais. Tais estudos tinham que apresentar relações às áreas de Psicologia, Psiquiatria, Medicina e Neurociências, tendo em vista que esta pesquisa se centra na área de Psicologia, sendo necessário, entretanto, um embasamento teórico quanto aos aspectos biológicos do fenômeno.

Para o levantamento bibliográfico sobre o diagnóstico do TDAH, as bases de dados utilizadas para pesquisa foram Scielo, Google Acadêmico, PubMed, Associação Americana de Psicologia, Biblioteca Virtual em Saúde PSI. Os descritores utilizados foram TDAH, fatores de risco, etiologia, interações gene-ambiente, comorbidades, funcionamento cognitivo, adultos. Quanto ao período de publicação dos artigos, teve-se como critério publicações dentre os últimos 5 anos.

Para a realização do levantamento bibliográfico acerca de vivências de pessoas socializadas como mulheres, os materiais utilizados foram obras literárias cujos temas se relacionam com a questão dos estereótipos da figura feminina na sociedade. Foi utilizada de modo expressivo a obra “Mulheres, Mitos e Deusas”, de Martha Robles, como base para o caráter mitológico desta análise. De modo complementar, foram utilizados artigos de autores como Teresa Encarnación Villalba Babiloni, Sueli Carneiro, Eliza Bachega Casadei, Mariza Scheffer Freire e Silvana Fernandes Lopes, a fim de aprofundar o entendimento sobre a construção da imagem do feminino no decorrer da história.

A análise teórica dos temas decorrentes deste primeiro levantamento, sendo esses o estereótipo social da figura feminina, os significados do adoecimento psíquico e as associações do TDAH com as percepções dos itens previamente mencionados, foi realizada a partir do enfoque em Fenomenologia, referenciada por algumas concepções dadas por Merleau-Ponty acerca dos conteúdos sobre percepção e

expressão, considerando-se a obra "Fenomenologia da Percepção" e algumas discussões de revisores como Sâmara Araújo Costa, Marcelo Rosa Vieira, Marcos José Müller e Nayara Borges Reis.

3 SOBRE A FEMINILIDADE

A mais remota concepção de feminino é representada na figura da deusa Lilith, originada e disseminada através da tradição oral na civilização sumério-acadiana, a qual tem como registro histórico sua ocorrência entre os séculos V e I a.C., cujos valores culturais ditavam que os deuses surgiam de um mar infinito e abismal. Na língua suméria, seu nome significa *alento* (o sopro divino), e sua imagem era de uma deusa responsável por comandar os portões que separam o plano espiritual do plano terreno. Lilith tinha capacidade de transmutação da matéria e, como guia das almas, era um símbolo de sabedoria e imortalidade (Bastos, 2019; Robles, 2019).

O primeiro registro escrito que se tem conhecimento sobre o mito de Lilith, provém do antigo poema mesopotâmico intitulado *Épopeia de Gilgamesh*, datado de 2.000 a.C., encontrado na atual região do Iraque. Neste, Lilith é retratada como um demônio feminino que toma forma de serpente e que habita um salgueiro guardado por Inanna (Anath), deusa do amor e da guerra, na beira do rio Eufrates. Deste relato, depreende-se que Lilith ocupava três planos do universo, sendo estes o submundo, na forma de serpente, a Terra, na forma humana como mulher, e os céus, na forma de ave. Considerada uma entidade oriunda das trevas, é expulsa do jardim sagrado de Inanna pelo herói da epopeia, chamado Uruk, e foge para um lugar desabitado. A partir deste acontecimento, foi tratada como uma divindade menor, um demônio feminino pertencente ao submundo, associada com a obscuridade e a feitiçaria (Bastos, 2019).

Para a mesma autora, em decorrência deste poema, a figura de Lilith passa a ser associada à imagem da serpente, que por um lado simboliza o conhecimento, a ciência e a regeneração, e por outro lado também tem o significado daquilo que é pecaminoso e proibido. Esta conotação negativa, futuramente, seria fortemente reforçada pelas culturas judaicas e católicas, de modo que o vínculo entre Lilith e a serpente seria cada vez mais enfatizado no decorrer da história humana. Tendo isso em vista, no período histórico em que os hebreus foram escravizados na antiga Babilônia, ocorreu uma importação de elementos culturais sumérios, acádios e babilônios para a cultura hebraica, inclusive a figura de Lilith, interpretada como a personificação da maldade feminina.

Em vista disso, uma nova releitura do mito de Lilith surge, na qual ela passa a ser apresentada como a primeira mulher de Adão, como descrito no livro *Gênesis*. De acordo com este mito hebraico, Deus criou Lilith e Adão do mesmo pó, sem que houvesse aparente imposição de uma relação de superioridade entre estas figuras. No entanto, Lilith e Adão nunca estabeleceram uma relação harmoniosa entre eles, pois quando Adão quis deitar-se com Lilith, ela sentiu-se ofendida e recusou ficar em uma posição de submissão a ele. Em meio a uma tentativa de forçá-la a obedecê-lo, Lilith pronunciou o nome sagrado de Deus e enfurecida pela atitude dele, o abandonou para sempre (Bastos, 2019; Robles, 2019).

Os mesmos autores afirmam que este acontecimento foi interpretado como uma gravíssima transgressão, tanto porque pronunciar o nome de Deus seria uma ousadia e um ato de soberba perante o sagrado poder divino, quanto porque o abandono seria uma traição a Adão. Assim, o mito relata que Adão se queixou para Deus, ao passo que este enviou três anjos para buscá-la, com a ameaça de que, em caso de não concordar em retornar, mandaria matar cem de seus filhos a cada dia. Encontrada no Mar Vermelho, negou ceder aos caprichos de Adão e evitar a cólera do Criador, e sentindo-se profundamente humilhada, jurou vingança constatando que mataria todos os recém-nascidos que passassem por seu caminho, exceto aqueles que possuíssem um amuleto com os nomes dos três anjos, estendendo a proteção às mulheres grávidas durante o parto.

Assim, a figura de Lilith passa a ser vista da seguinte forma:

Um demônio noturno, a paixão da noite, anjo exterminador das parturientes, assassina de recém-nascidos, sedutora dos adormecidos, uma prostituta voluntariosa ou, para um juízo mais são, uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem. Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens (Robles, 2019, p. 35)

Em uma trajetória similar, a figura de Lilith também se faz presente na mitologia grega, na imagem da deusa Hécate, cuja primeira aparição se encontra no poema *Teogonia*, também conhecido por *Genealogia dos Deuses*, escrito por Hesíodo, no século VIII a.C. Neste, é descrito que Hécate é a filha de Astéria e Perses, condição que lhe afirmava descendente da linha dos titãs, e honrada por Zeus, era conhecida por ser a deusa dos céus, da terra e dos mares. Entretanto, não possuía o domínio

exclusivo destas esferas, pois as compartilhava com Zeus (os céus), Poseidon (os mares) e, mais tarde, Hades (o submundo) (Babiloni, 2015; Bastos, 2019).

A partir do século V a.C., Hécate passa a ter associada à sua imagem características mais sombrias, ficando conhecida como a deusa dos fantasmas e dos espíritos, de modo a desempenhar um papel muito importante quanto às crenças na vida após a morte e na magia. Essa transição de significação é explicada pelo aumento da propagação das ideias de Hesíodo no território grego, algo que ocasionou uma questão problema, posto que suas funções como deusa de três esferas já eram ocupadas por outras figuras divinas de grande importância. Em decorrência disso, aparecem novas releituras do mito de Hécate, ao ponto de a versão mais popular tornar-se aquela em que é conhecida como a Rainha do Submundo (Babiloni, 2015).

A mesma autora afirma que a figura de Hécate, então, deixa de ser atrelada ao símbolo de proteção e guia dos viajantes noturnos e é colocada na posição de esposa do deus do submundo, Hades. A ressignificada deusa dos fantasmas e espíritos passa a ser retratada como a Hécate Infernal de três corpos e três cabeças, portadora do horror e causadora das desgraças. Aquela que se faz presente nas encruzilhadas no pôr-do-sol, prenunciada por uma sinistra obscuridade seguida por uma matilha de cães pretos, cujos latidos anunciam a proximidade de sua aparição.

Frente a estas constatações mitológicas a respeito da personalidade desafiadora da figura de Lilith, renunciou-se uma retificação mitológica, a qual se fez através da figura de Eva, imagem essa marcada por uma suposta fragilidade, culpa e por uma tendência a cometer pecados pela influência do diabo. Eva carrega consigo o peso de ter sido aquela que comeu o fruto da árvore da sabedoria e de ter seduzido Adão, o que culminou na expulsão de ambos do Paraíso. Isso torna-se o marco de uma condição humana permeada pela dor, pelo trabalho e pela morte, inerente a todos os seres humanos que os sucederam (Robles, 2019).

Neste contexto, Robles (2019) afirma que Eva personifica a figura da mulher como um ser incapaz de suportar a felicidade completa, ou seja, não está destinada a ser nada além de filha ou esposa. É também o epicentro da concepção de pecado e de redenção. Para além disso, foi muito associada à uma rebeldia sensual, categoria essa estabelecida por diversos teólogos, os quais classificaram-na como um ser

tendencioso à cobiça. Entretanto, a figura de Eva traz uma nuance libertadora, pois apesar de sua presumida debilidade, segue em direção do reconhecimento de seu livre arbítrio, visto que por meio de suas decisões, por mais pecaminosas que fossem, explora experiências autênticas.

Assim, compreende-se a significação da figura de Eva do seguinte modo,

Desejo e remorso, gozo carnal, imaginação fundadora e força libertadora: ela é a mulher, a deusa, a mãe, a amante, a abnegada parideira de homens que atravessa os séculos trazendo o símbolo da queda; mas trazendo também a consciência eletiva de quem se atreveu a desvelar o mistério mais elevado: o da sabedoria que estava entranhada na árvore proibida, imaginando por Deus para que os homens sonhassem com a sua própria divindade, mesmo a preço de aniquilar sua suposta semelhança com o Criador (Robles, 2019, p. 42).

Partindo destas concepções de feminino, avançando na linha temporal da história, observa-se que as filosofias que as sucederam seguiram repetindo os reforçadores da figura feminina como algo negativo. Ao analisar as filosofias antigas, por exemplo, tendo como base os pensamentos de Platão e Aristóteles, é possível notar que havia a reprodução de um discurso no qual o feminino era visto como algo complementar ao masculino, e não como um ser completo por si só. Além disso, esse tipo de ideário pode ser visto também nos registros da medicina antiga, na qual a imagem da mulher era vista através de uma perspectiva inferiorizada, como um ser valoroso apenas para fins reprodutivos. Isso constata a propagação de um discurso no imaginário pagão, anterior à religião cristã, que visava enquadrar a figura da mulher como ser inferior na configuração social (Gatt, 2020).

Para o mesmo autor, a partir do surgimento da doutrina cristã, as mulheres tiveram sua imagem associada à simbologia do Pecado Original. Deste modo, o imaginário medieval é permeado pela concepção de que as mulheres são descendentes diretas de Eva, portanto, igualmente enganadoras e trapaceiras, com fala ardilosa e constante intenção de sedução. Em decorrência deste discurso, as mulheres da sociedade medieval foram excluídas e marginalizadas, visto que ao censurá-las, era possível deixá-las sem voz.

Ainda neste período histórico, houve um fenômeno conhecido como "caça às bruxas", denominação esta que faz referência ao medo que a sociedade patriarcal possuía quanto ao movimento de desvinculação da imagem teológica da figura da

mulher, a qual era vista como "maldição bíblica de Eva". Os homens medievais não sabiam como controlar a emergência dessa nova dinâmica de saber, proveniente de um movimento das mulheres em prol de uma nova forma de viver, que lhes garantisse o poder de decisão sobre si mesmas. Temerosos frente ao desconhecido, alheios aos saberes do funcionamento do corpo feminino e fitoterápicos, por exemplo, buscaram lutar a todo custo contra o saber feminino, a fim de manter sua soberania hegemônica, partindo então para uma caçada inumana através das fogueiras da Inquisição (Freire, 2006).

Realizando um salto temporal para o século XIX, tomando como base a literatura brasileira da época, pode-se observar como a concepção do feminino se manteve similar em comparação com os períodos históricos previamente abordados. Nesse sentido, a partir da ótica masculina dominante, tem-se a expressão de um caráter pedagógico, o qual dita e difunde os modos de comportamento femininos esperados pela sociedade. Assim, a figura da mulher socialmente adequada se manteve aos valores tradicionais, ou seja, a boa esposa, dona de casa e mãe, de forma a garantir e atuar como complemento às tarefas sociais masculinas de gerar capital e gestão da vida pública (Lopes, 2011).

Para a mesma autora, a título de manutenção do sistema capitalista à época, era necessário aperfeiçoar os seus mecanismos de exploração, e para tanto, quanto à expectativa em relação à figura feminina foi determinado que essa fosse condenada à ignorância. Deste modo, o melhor cenário que a mulher poderia desfrutar envolvia uma educação superficial, situação essa que fortalecia um entendimento acrítico de sua condição social. Dentre os modelos femininos reforçados, apresenta-se na literatura um destaque da submissão feminina e tentativas de emancipação ridicularizadas, além de uma valorização da aparência física, da pureza, da ingenuidade, da sutileza - a qual poderia facilmente ser transformada em dissimulação - e da maternidade - o que poderia inclusive redimir os pecados de uma mulher "não exemplar". Também eram abertamente reprimidos comportamentos considerados desviantes, tais como separações, adultérios e livre exercício sexual.

Em contrapartida a esta visão hegemônica masculina, no século XIX houve mulheres que utilizaram da escrita para sair do aprisionamento doméstico e ir de encontro com um desejo de subversão desta realidade. Assim, a literatura feminina

sempre esteve ligada a um feminismo incipiente como ferramenta para combater a opressão. Quanto a isso, o primeiro periódico brasileiro comandado por mulheres foi criado em 1852 e chamava-se “Jornal das Senhoras”, encabeçado por Joana Paula Manso de Noronha, argentina residente do Rio de Janeiro e a primeira mulher jornalista na Corte Imperial (Casadei, 2002).

O primeiro editorial do “Jornal das Senhoras” continha os seguintes dizeres em sua apresentação:

Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, já sou Redator, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer dois palmos a qualquer indivíduo. No círculo ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém. Ora pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será? Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando [em] diferentes jornais. Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade? (Casadei, 2002, p. 04).

Contudo, segundo a mesma autora, o público-alvo deste periódico eram as mulheres brancas de classe média, alfabetizadas, dado que o acesso à educação era restrito às famílias com alto poder aquisitivo. O objetivo deste jornal era propagar a discussão sobre melhoramento social e emancipação moral. Este se desfez após cinco anos, o que pode ser compreendido como um reflexo da divisão desigual do trabalho e do usufruto do tempo, haja vista que as mulheres não possuíam as mesmas condições financeiras do que os homens de sua classe, assim como precisavam conciliar o trabalho com os afazeres domésticos. Para além disso, outra problemática que culminou em seu fim foi a falta de interesse das “senhoras” em adquirir o periódico, o que pode ser entendido como uma insatisfação perante o conteúdo exposto acerca da emancipação feminina, algo em desacordo com a organização social vigente.

Perante este cenário, é necessário questionar-se quem está incluído no imaginário da dona do lar ou da musa idolatrada, ao qual a hegemonia masculina faz referência. No contexto brasileiro e latino-americano, a colonização deixou marcas de violações incitadas pelo homem branco contra as mulheres negras e indígenas, causa primária das hierarquias de gênero e raça existentes na nossa sociedade. Isso resulta

em uma condição na qual o papel da mulher não-branca é negado na construção cultural, a desigualdade de gênero é erotizada e a violência contra essas mulheres é transformada em romances (Carneiro, 2013).

Para além disso, Carneiro (2013) evidenciou nos discursos clássicos da luta contra a opressão feminina, de origem ocidental e branca, a presença de uma ideologia que não reconhece vivências diferentes daquela hegemônica, associada a um determinismo de que mulheres não brancas e de baixa renda devem se adequar às demandas raciais, étnicas, culturais, religiosas e de classe social deste feminismo branco. Frente a isso, é necessário refletir acerca da superação de ideologias complementares ao patriarcado, como o racismo, o qual confere uma inferioridade social às pessoas negras e, no âmbito da luta feminista, como isso reflete em um distanciamento dos privilégios conferido às mulheres brancas.

Nesse sentido, quando é abordado o mito da fragilidade feminina, por exemplo, é preciso questionar a quem esse se refere. As condições sócio-históricas da América Latina, através do mecanismo exploratório, construíram uma relação de coisificação da população negra, principalmente das mulheres negras. Então, nesta lógica de proteção da figura feminina não é englobada a vivência das mulheres não brancas, pois estas foram forçadas a trabalhar durante séculos, tanto na condição de escravizadas, quanto quando libertas. Neste contexto, é muito mais intensificado o tratamento deste grupo de mulheres como identidade de objeto (Carneiro, 2013).

Postas estas considerações acerca das concepções do feminino ao longo da história, é possível observar que, por muito tempo, foi negado à figura feminina uma possibilidade de expressão que desafiasse a norma patriarcal hegemônica. Ao feminino, não foi concedido o direito de ser um ser por si só, pelo contrário, foi forçada uma aniquilação de possibilidades de ser que esboçasse qualquer sinal de poder, ou seja, tudo aquilo que estivesse em oposição a manutenção do estado de ignorância. Disso decorre um reforço social de comportamentos que fortalecem uma naturalização de estereótipos femininos tais como: mulheres são mais cuidadosas, todas as mulheres possuem instinto maternal, mulheres conseguem ser multitarefas com maior facilidade, mulheres não possuem as competências necessárias para adentrar o mercado de trabalho, entre outros.

A partir disso, surge o questionamento de como a construção social deste feminino perpassa a relação de saúde mental em pessoas socializadas como mulheres na nossa sociedade. Como afirma Zanello (2015), a norma social que estabelece um padrão de mulher a ser seguido, o qual perpetua discriminações para além daquelas associadas ao patriarcado, como o racismo e a LGTBfobia, acorrenta o feminino ao desejo do outro, desta hegemonia, de modo a silenciar sua vivência, condenando-as a uma existência apagada. Assim, questiona-se como a condição da existência feminina, impossibilitada de se expressar, implica na forma como se realiza uma leitura de seu adoecimento psíquico.

4 O ADOECIMENTO PSÍQUICO FEMININO

O cenário social posto para a figura feminina implica em uma naturalização de estereótipos, em uma imposição de abdicação dos seus desejos em prol do desejo do outro, o que resulta em uma impossibilidade de expressão. Como visto anteriormente, a figura feminina foi moldada ao longo da história ocidental com base na destituição da possibilidade de representações com personalidades desafiadoras e uma massificação de ideais que reforçassem a superioridade do homem e a fragilidade da mulher. Não havia espaço para possibilidades de ser para a mulher além daquelas que propagam algo para além de uma carência de qualidades e falta de inteligência (Andrade, 2022).

A mesma autora debate que, tornar-se mulher no decorrer da história foi pautado nas exigências impostas pela supremacia masculina, de modo que ao homem foi garantido um lugar no qual pôde ser visto como sujeito, diferentemente das mulheres, as quais foram colocadas na posição de "o outro", de modo a impossibilitar qualquer tentativa de reivindicação de sua existência.

Decorre a necessidade de pensar como a construção social do feminino implica o modo como a saúde mental das mulheres é lida em nossa sociedade, considerando que o processo de adoecimento implica no impacto causado em um indivíduo pelos fatores biológicos, sociológicos, econômicos, ambientais e culturais que o cercam. Quando se trata do adoecimento psíquico, é preciso avaliar quais as condições sociais em que o indivíduo está inserido, posto que a produção de doença ocorre no âmbito coletivo. Em vista disso, para compreender os significados do adoecimento psíquico feminino é necessário se debruçar nas significações da experiência subjetiva de "ser uma mulher" (Andrade, 2022).

Quanto a isso, é possível afirmar que os estereótipos atrelados a figura feminina são concepções sociais enraizadas na consciência coletiva, motivo esse pelo qual lhes são conferidas um enorme poder que atua como um pilar para a sustentação de desigualdades e relações de poder hierárquicas entre os gêneros. Disso decorre um ciclo de reafirmação dos valores sociais atrelados às mulheres, o que ocasiona também a formação de locais privilegiados, assim como o estabelecimento de normas para uma formação identitária (Zanello, 2015).

Para a mesma autora, o que ocorre neste movimento de privilégio pode ser compreendido como uma seleção de determinados padrões emocionais e comportamentais em detrimento de outros, de modo a categorizar, binariamente, o que significa "ser uma mulher" ou "ser um homem". Em vista disso, o significado subjetivo de "ser uma mulher" está sujeito a alterações de acordo com os valores culturais intrínsecos nas respectivas dinâmicas sociais em que o sujeito está inserido, de modo a deixar marcas na forma como cada indivíduo enxerga a si mesmo e aos outros.

Isso é algo que se estende para a temática de adoecimento psíquico, e como afirma Butler (2012, p. 1178), "aquilo que parece ser algo extremamente individual, ou seja, a vivência de um conjunto de mal-estares no âmbito subjetivo, expressa regularidades que são moldadas por uma dada configuração social".

Como mencionado previamente, as normas sociais impostas às mulheres demandam exaustivamente das áreas de relacionamentos interpessoais, do relacionamento com o próprio corpo, da devoção ao instinto maternal, do desempenho na área profissional, dentre outras, e por vezes de modo contraditório, exigindo metas intangíveis, o que resulta no reforçamento de uma vivência impotente ou insuficiente. Nesse sentido, Zanello (2015) afirma que a existência subjetiva de "ser uma mulher", quando pensada pela ótica do adoecimento psíquico, assemelha-se à um quadro depressivo como condição da existência feminina - não necessariamente envolvendo uma condição de tratamento psiquiátrico - o qual, perante a impossibilidade de se expressar, colapsa.

Neste processo de devoção ao que a sociedade espera da figura feminina, está implicada também uma invisibilização destas mesmas tarefas impostas pelo seu papel social, de modo a gerar um ambiente ainda mais propício para o adoecimento psíquico. Entretanto, em meio a estas contradições, não é concedido à figura feminina a possibilidade de reconhecer este adoecimento mental, pois tudo o que está implicado na sua vivência é classificado como sendo simplesmente uma determinação a ser cumprida, referente às normas de seu papel social (Andrade, 2022).

Quando a mulher não reconhece a causa primária deste sofrimento que recai sobre o papel social, o adoecimento psicológico também pode surgir como

consequência deste cenário, como um último recurso extremo de possibilidade de expressão. Atrelado a isso, pode-se observar que em meio a este dilema, ainda se insere a variável do cuidado, em suas múltiplas formas. Quanto a isso, sabe-se que o cuidado é frequentemente associado à figura feminina como um recurso intrínseco a todas, dado como uma qualidade ou dever natural. Entretanto, este mesmo cuidado não lhe é conferido tratando-se do modo como a rede de apoio à mulher em sofrimento se apresenta em nossa sociedade (Montesó, 2011).

A complexidade dessa dinâmica leva ao questionamento do porquê estas determinações referentes à temática do cuidado, embora valorosas no âmbito social, levam as mulheres a um lugar de sacrifício, em diferentes graus, que está profundamente enraizado na sua identidade, dificultando a possibilidade de haver um movimento individual para outro lugar de identificação. Nesse sentido, percebe-se que as mulheres estão inseridas em um ciclo de reprodução dos ideais presentes no papel social que lhe foi conferido, de modo a gerar uma enorme carga em cumpri-lo. Quando a mulher é colocada em um lugar de cuidado, algo que contradiz aquilo esperado da performance de seu papel social, por vezes tende a recusar o cuidado do outro em vista da discordância deste com a sua identificação do feminino (Gutiérrez, 2017).

Frente a isso, se coloca a reflexão acerca dos desafios no diagnóstico do TDAH em mulheres. Através dos parâmetros científicos acerca dos estudos sobre o TDAH, sabe-se que a sintomatologia deste transtorno mental é a única que possui critérios de reconhecimento pré-definidos para todas as idades, haja vista que o diagnóstico em crianças e adolescentes possui o mesmo padrão de avaliação nos casos de pacientes adultos, com exceção de alguns tipos de questionamento relacionados à hiperatividade. Esta dificuldade na avaliação de casos em que houve um diagnóstico tardio, assim como quanto a assertividade de tal, quando somada à diferenciação de gênero entre os pacientes, ressalta a necessidade de compreensão dos fatores envolvidos neste contexto de modo mais detalhado (Silva, 2024).

Segundo o mesmo autor, é possível avaliar um perfil hormonal em mulheres com TDAH, o qual estabelece uma relação condicional que prevê um papel de regulação e comunicação por parte dos hormônios sexuais - estrógeno, progesterona e testosterona - entre as células cerebrais, podendo afetar a função executiva positivamente ou negativamente.

Apesar de os estudos acerca destas relações hormonais e o TDAH serem escassos, o autor afirma que há casos clínicos em que mulheres buscavam tratar dos sintomas hormonais e neste processo, descobriram que possuíam TDAH, partindo de relatos de que suas vidas estavam fora de controle ou mal gerenciadas - envolvendo a área de organização financeira, profissional, da saúde, das atividades diárias e de tarefas domésticas. Além disso, há outro cenário no qual mulheres relataram encontrar mecanismos de adaptação frente às dificuldades postas pelos sintomas, e mesmo assim, visto que a desorganização e a falta de controle estavam postas em suas vivências de alguma forma, apresentavam sintomas de sobrecarga e exaustão. Para contornar estes últimos sintomas, adotaram como mecanismo de alívio destes o abuso de álcool, a compulsão alimentar e a privação de sono crônica.

Uma vez que o diagnóstico é realizado, surgem mais desafios no tratamento, considerando o despreparo diagnóstico da área, ou seja, a falta de profissionais especialistas experientes no tratamento do TDAH adulto que compreendam as especificidades dos obstáculos enfrentados pelas mulheres. A respeito disso, as abordagens terapêuticas padrões consideram apenas um escopo geral do transtorno, relacionado a questões emocionais e interpessoais que possam ser consideradas universais frente a sintomatologia conhecida. Assim, este tratamento não auxilia na instrumentalização para a mulher com TDAH administrar de modo mais eficaz o transtorno, a fim de encontrar estratégias para uma vida mais satisfatória (Silva, 2024).

Para além disso, o mesmo autor acrescenta que, tratando-se da terapia medicamentosa, há o agravante de que tais medicamentos são fabricados com base no público de pacientes masculinos, desconsiderando as condições intrínsecas aos aspectos da vivência feminina. Somado a esta condição, há de se considerar que os estudos acerca do tema afirmam que mulheres com TDAH possuem maior propensão ao desenvolvimento de desordens coexistentes, como ansiedade, bulimia, anorexia, depressão, uso de substâncias lícitas e ilícitas, o que culmina em uma necessidade de um maior cuidado quanto ao quadro clínico da paciente, ao avaliar o tratamento medicamentoso.

Isto posto, o cenário dos desafios do diagnóstico de TDAH em mulheres apresenta uma elevada negligência médica e até mesmo familiar. Isso porque, geralmente, elas não possuem como sintoma a hiperatividade, havendo maior

propensão ao sintoma desatencional, o que leva a uma maior probabilidade de diagnóstico incorreto, podendo implicar em um tratamento ineficaz por um longo período da vida (Silva, 2024). E, no âmbito familiar, essa negligência pode aparecer mascarada como dificuldades na comunicação, cenário esse marcado por sentimentos de solidão, incapacidade de corresponder às expectativas, desgaste emocional perante decisões impulsivas e desprestígios, referidos pelos parceiros/cônjuges frente a desinformação da sintomatologia deste transtorno mental (Oliveira, 2022).

5 UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE AS VIVÊNCIAS DE MULHERES E O DIAGNÓSTICO TARDIO DE TDAH

5.1 A PROPOSTA DE MERLEAU-PONTY

A dimensão da compreensão fenomenológica acerca do tema deste estudo foi abordada com base no pensamento do filósofo Maurice Merleau-Ponty (2018), com enfoque na sua obra intitulada "Fenomenologia da Percepção".

Para o autor, a Fenomenologia pode ser compreendida como o estudo das essências, e todas as problemáticas que possam surgir perante a existência no mundo se resumem a definição dessas essências - da percepção e da consciência, por exemplo. Para além disso, é uma filosofia que afirma não ser possível compreender o homem e o mundo de outra forma senão partindo de sua "facticidade", noção essa que aponta para o entendimento de que o mundo é marcado pela inevitabilidade da existência humana de ser lançada a ele, submetida às ordenações e necessidades dos fatos.

É também uma filosofia do transcender, que faz um movimento de colocar em suspenso as afirmações da realidade e que considera o mundo como algo sempre presente, inclusive antes da reflexão. Seu objetivo seria, então, entrar em contato ingenuamente com o mundo de modo a conferir-lhe uma condição filosófica. É a relação entre espaço, tempo e mundo "vivididos", na tentativa de descrever diretamente a experiência real de cada indivíduo como ela realmente é.

Destarte, Merleau-Ponty, em sua análise das relações entre corpo e mundo, apresenta a ideia de que não se deve supor haver separações dicotômicas entre corpo e mente, homem e mundo, aparência e realidade, pois afirma que tais separações nunca existiram. Nesse sentido, afirma que o corpo é um instrumento por meio do qual podemos ter acesso ao mundo, habitá-lo e percebê-lo. Mais do que isso, o corpo é o modo do ser no mundo, não somente uma condição para percepção (Costa, 2015).

Através da conceituação de esquema corporal, o autor concentra-se na busca pela compreensão do seu caráter intencional. Aqui, entende-se por intencionalidade

a propriedade dos seres vividos de serem consciência de algo, sendo esta referente à consciência de dar-se conta das vivências psíquicas próprias (Vieira, 2016).

Adentrando nos significados destas vivências, com base no pensamento husserliano, essas seriam elementos fenomenológicos constituintes da consciência, os quais podem ser compreendidos como conteúdos ou atos do ser pensante que possuem um viés de apreensão. Na medida em que se coloca no mundo, o sujeito vivencia os acontecimentos externos a ele próprio, de modo a situar-se como um todo real que é composto de múltiplas partes, e cada uma delas é vivenciada (Vieira, 2016).

Disso decorre uma reflexão de que a sinergia é o que caracteriza o corpo próprio, de modo que o reconhecimento do movimento resultante da ação associada das partes corporais é o que lhe confere um caráter pré-lógico. Em vista disso, com base nas definições de Husserl, Merleau-Ponty (2018) afirma que este esquema corporal precede a configuração da correlação entre o ser transcendente e a multiplicidade de suas aparências subjetivas (Veríssimo, 2012).

Nesse sentido, a correlação intencional apresenta um caráter eidético, de acordo com o qual toda percepção interna se refere a um transcendente e, tratando-se da transcendência da coisa, não é possível pressupor haver uma união entre a percepção e a coisa percebida (Vieira, 2016).

Para melhor compreender este processo de percepção, é importante observar como o transcendente age perante a consciência que toma conhecimento deste, e para tanto, Vieira (2016, p. 76), partindo da compreensão de Husserl, apresenta o exemplo da percepção de uma mesa.

Esta última ocupa uma posição no espaço, junto à mobília da casa. Para reparar em todos os detalhes dela, somos obrigados a percorrê-la com o olhar, sempre mudando os pontos de vista possíveis. Assim, damos a volta em torno da mesma, vemo-la por baixo, por cima, à direita, à esquerda, etc. Sob determinada perspectiva, a superfície da mesa aparece no formato de uma elipse; quando a olhamos do alto, porém, constatamos que seu formato, na verdade, é circular. Só podemos enxergar a mesa nos colocando em determinado ponto de vista. Husserl observa que a mesa aparece sempre por esboços, por perfis sucessivos de aparição. Está claro, porém, que nenhum esboço mostra a mesa por inteiro. Ela é simplesmente *pressuposta* em cada um deles.

A partir desta noção de percepção, Merleau-Ponty (2018) afirma que o corpo pode ser entendido como um "diálogo entre sujeito e objeto fundado numa unidade corporal que já constitui, desde o início, unidade com o mundo" (Veríssimo, 2012). Aprofundando-se nessa perspectiva, apresenta uma concepção de anonimato do corpo, referindo-se à ele como um "complexo inato" (Merleau-Ponty, 2018, p. 125), ou seja, o corpo torna-se um "termo não percebido" (Merleau-Ponty, 2018, p. 122), circundado por objetos que se mostram, de tal modo a implicar em uma despersonalização do sujeito perceptível, ao passo em que se faz presente uma ligação fundamental entre corpo e mundo, marcada por um caráter mais basilar do que aquela devida a funções pessoais (Veríssimo, 2012).

Frente a isso, afirma que o ser humano é uma perspectiva, ou seja, é um olhar que investiga o objeto através da ação do corpo, o qual é construído através das relações destas aparências do mundo. O corpo é intencionalidade motora, através de suas ações na exploração do mundo, antecipa e constitui a sua condição de agente perante suas vivências corporais. Assim, acessamos o mundo e suas perspectivas, sentimos suas aparências por meio de dispositivos sensoriais complexos que são inseridos em um campo fenomenal juntamente com suas vivências, não sendo possível possuir o mundo consolidado e definido (Costa, 2015).

E essa intencionalidade motora fundamentada no esquema corporal não se resume à uma abordagem exclusiva da experiência do corpo, mas sim da experiência do corpo no mundo. O espaço e a motricidade do corpo são parâmetros situacionais, de modo que o esquema corporal se mostra como uma forma de se revelar que o corpo próprio está no mundo (Veríssimo, 2012).

A partir disso, constata-se que não vivemos em um mundo natural, mas sim em um mundo cultural, o que significa que estamos repletos de marcas da ação humana, implicando em uma análise da percepção que temos de outrem. Assim, quando desveladas as intencionalidades postas nas certezas objetivas, é possível perceber que não podemos conhecer a totalidade dos nossos limites, haja vista que nossa percepção parte do pressuposto que habitamos o mundo por completo. Essa constatação leva ao desvelamento de um mundo de indeterminações (Veríssimo, 2012).

Este cenário de indeterminações que se faz presente suscita uma reflexão acerca do modo como sujeito percebe o mundo: se o mundo próprio não pode ser compreendido como uma somatória de referências individuais, mas sim como um "deslizar temporalmente unitário e espontâneo em que uma perspectiva reenvia-nos à outra" (Veríssimo, 2012, p. 220), então, o outro pode fazer parte deste encadeamento de relações internas que direcionam o sujeito a um único mundo (Veríssimo, 2012). Nesse sentido,

No que tange nossa percepção de outrem, a antinomia do pensamento objetivo leva-nos a afirmar, por exemplo, que reconhecemos e compreendemos a existência "estrangeira" por uma espécie de raciocínio por analogia. Reconheço a mímica de um outro corpo – e o fato de que por trás dela há uma consciência que move o corpo – a partir do momento em que sou capaz de identificar os fatos psíquicos que sustentam minha possibilidade de realizar um comportamento análogo ao que percebo (Verissimo, 2012, p. 220).

Diante disso, Merleau-Ponty (2018) afirma que o raciocínio por analogia depreende o saber que a participação do indivíduo no mundo se dá a partir de uma lógica de um anonimato perceptivo. Assim, compreende-se que o sujeito não é transparente para si e nem constitui um mundo delimitado, e esta concepção dá abertura para a possibilidade de existência do outro para mim, pois se não sou uma subjetividade por absoluto, o outro não é um objeto em relação a mim e nem eu para outrem (Verissimo, 2012).

Portanto, é possível afirmar que a percepção não se trata de uma tentativa de compreensão de um mundo definido, haja vista a impossibilidade de redução da concepção de percepção à subjetividade. Trata-se do movimento de ir de encontro ao estar no mundo com um corpo encarnado, sendo necessário se ater justamente para esse mediador das vivências, que é o corpo. A percepção é um voltar às coisas mesmas, ou seja, uma tentativa de descrição do mundo vivido (LebensWelt), na busca por revelar os modos de ser humano, em outras palavras, as maneiras de lidar com o mundo que nos rodeia. Através disso, consolidamos um modo de agir fundamentado na significação motora consolidada a partir das nossas vivências, a qual dá base para a construção de um esquema corporal (Costa, 2015).

Para complementar essa compreensão, Verissimo (2012) aponta que

A unidade do corpo é minha, trata-se do corpo que sou, sem que, contudo, eu possa dizer que a constitua ou que acompanhe a sua gênese claramente. E é graças a isso que partilhamos com outrem a unidade de um mesmo mundo. Vale dizer do esquema corporal aquilo que Merleau-Ponty (1945, p. 439) diz da subjetividade: “que ela envolve o infinito, que ela é uma síntese jamais acabada e que se afirma, embora seja inacabada” (Verissimo, 2012, p. 222)

Atrelada à noção de percepção, Merleau-Ponty (2018) traz a concepção de expressão, a qual prevê uma relação de consolidação, na forma de movimentos de transcendência, que o corpo experimenta em conjunto às aparências sobre as quais se lança no mundo (Müller, 2001). Por conseguinte, é possível afirmar que a expressão se dá através do estabelecimento de significados que extrapolam os signos, por meio do fenômeno da percepção, enquanto apreensão espontânea e sensível do mundo (Reis, 2011).

A partir disso, compreende-se que está posta uma possibilidade de comunicação da expressão através do corpo no mundo, visto que essa pertence ao corpo situado. E esse encargo do corpo como mediador da expressão pode ser observado no modo como o sujeito vivencia o mundo, através das suas potências perceptivas e afetivas, as quais dominam a experiência de si mesmo, das coisas e dos outros. Diante dessas vivências, se abrem múltiplas esferas de significação, originárias e transcendentais, possibilitadas pela intencionalidade motora. Assim, tem-se que o corpo se expressa no movimento em direção a outrem e às coisas. Sobre este movimento, Merleau-Ponty (2018, p. 371) afirma que esse “é uma modulação de um ambiente já familiar e nos reconduz, mais uma vez, ao nosso problema central, que é o de saber como se constitui este ambiente que serve de fundo a todo ato de consciência”. Disso, depreende-se que é no vínculo entre o mundo natural e cultural que a expressão está inserida no mundo sensível, vivenciada pelo corpo de modo transcendente e existencial (Reis, 2011).

Para Merleau-Ponty (2018), as intenções significativas são expressas através dos gestos corporais, e dentre esses, traz um enfoque para a linguagem, afirmando que tais intenções necessitam das palavras. Segundo o autor, “a capacidade expressiva está do lado das palavras articuladas como formas languageiras e existenciais, e não do lado de nossas intenções significativas” (Müller, 2001, p. 160). O ato de expressão, seria então, a aquisição de significações pelo sujeito, possibilitada

pela confluência, através da transcendência, do sentido linguístico da palavra e da significação visada por ela. Assim, as palavras podem ser entendidas como uma dentre as diversas ocorrências da expressão, as quais possibilitam a realização das significações que o sujeito manifesta (Müller, 2001).

Para sintetizar os significados dessa existência perceptiva, Müller (2001) afirma

Ora, para Merleau-Ponty, no âmbito da experiência perceptiva, a expressão é essa relação de fundação que, em nossos diversos comportamentos, os elementos envolvidos se estabelecem entre si. E a significação existencial de nossa experiência perceptiva é a totalidade que tal relação exprime. Porquanto não dependem de qualquer representação, tampouco estão determinadas por causa ou condição exterior, essas significações são autônomas (Müller, 2001, p. 167).

Frente a isso, é possível afirmar que o corpo é uma potência afetiva, motora e expressiva. A expressão seria, então, modo do ser estar no mundo. Para tanto, o corpo se movimenta segundo sua afetividade e se expressa na intersubjetividade. Logo, o corpo é próprio e é o ser no mundo, se manifesta ao expressar o mundo e anuncia o seu sentido ao exprimir o sentido que o mundo tem para si (Reis, 2011).

5.2 A VIVÊNCIA FEMININA E O DIAGNÓSTICO TARDIO DE TDAH ATRAVÉS DAS LENTES DA FENOMENOLOGIA

Os significados da vivência feminina no mundo são permeados por diversas possibilidades de percepção, os sentidos de mundo são variados, e seus corpos se expressam de múltiplas formas. Entretanto, como visto anteriormente, a reconição da existência da mulher como sujeito no mundo é um evento recente, haja vista a história desta população no decorrer do tempo, marcada por diversas opressões. Em outras palavras, uma história carimbada com uma visão distorcida de que o mundo se apresentava como delimitado para as mulheres, cerceado de supressões de possibilidades de relações entre o corpo e o mundo.

As possibilidades de transcender surgiram à medida em que as mulheres reconheceram seus corpos como potências, como meios de estar no mundo carregados de motricidade e afetividade, dando abertura para revelar outros modos

de ser mais autênticos do que aqueles previamente conhecidos. Ao mesmo tempo, o corpo pôde ser reconhecido como um mediador de acesso ao mundo, de percebê-lo e habitá-lo, se transformando em uma possibilidade de adquirir consciência, ou seja, de dar-se conta das vivências próprias.

A partir disso, surge um espaço para nomear aquilo que foi vivido e que ainda se faz presente no mundo cultural em que vivemos. A história do feminino foi marcada por uma concepção de que aquelas que possuíssem conhecimento e personalidade forte deveriam ser vistas como ameaças. Para corrigir esta imagem, foi imposta uma ótica de que deveriam ser submissas, e se recusassem essa expressão do ser, deveriam ser severamente punidas.

Frente a imposição do feminino como uma figura complementar ao masculino, observa-se a possibilidade de reconhecer o livre arbítrio e a decisão de realizar escolhas que objetivem vivências autênticas. Entretanto, a força de expressão do ser no mundo masculina, dado seu caráter hegemônico, impõe suas intenções significativas da expressão da vivência feminina e nega reconhecer suas experiências, marginalizando-as e silenciando-as.

A percepção do corpo para as mulheres torna-se, então, cada vez mais desafiadora de ser sustentada de modo autêntico, em vista de estar demarcada por um grande obstáculo: o reconhecimento desta figura como sujeito e sua relação com os objetos circundantes. Isso resulta, então, em uma concepção de unidade corporal e mundânea com prospectos abafados pela supressão da indeterminação da totalidade dos limites da figura feminina. E cada vez mais, aperfeiçoam-se os mecanismos exploratórios desta população, geralmente voltados para uma condenação à ignorância.

Faz-se presente um contexto caracterizado por negações das possibilidades de expressão que desafiam as normas patriarcais hegemônicas, e conseqüentemente, se observa um movimento de aniquilação daquelas possibilidades que esboçam sinais de poder e normalizam-se estereótipos. Frente a isso, se torna difícil reconhecer que o feminino constitui um mundo repleto de indeterminações para além daquela pressuposta ao seu grupo pelo mundo cultural. Estando o feminino tão intrinsecamente ligado ao mundo, o qual parece mostrar

apenas significados hostis, a possibilidade de exprimir outros sentidos de mundo aparenta ser uma possibilidade extinta.

Na tentativa de superar estes significados e estabelecer uma relação mais ativa de exploração do mundo como agente perante as próprias vivências, faz-se necessário quebrar com esta perspectiva de vivência silenciada e impossibilitada de se expressar. É preciso restituir as possibilidades de representações fortes que coloquem as mulheres como protagonistas de suas existências. Esse movimento já é perceptível em nossa sociedade, e se faz cada vez mais presente, demandando ser observado e ouvido, mesmo assim, esta história de seleção de comportamentos que caracterizam o que significa ser mulher, ainda é a causa de muitos colapsos perante a impossibilidade de expressão. A percepção do outro, neste caso da figura feminina, como sujeito existente para mim ainda é apagada em muitas aparências e realidades de nosso mundo cultural.

Como consequência desta impossibilidade de ser no mundo, as percepções da vivência feminina são marcadas por um corpo que constantemente sacrifica seu modo de estar no mundo. A construção da significação hegemônica do feminino exerce grande influência no modo em que se estruturam as vivências das mulheres no mundo.

Quando nos voltamos para o cenário do diagnóstico tardio de TDAH em mulheres, podemos perceber como se mostra engessado o horizonte de não haver uma perspectiva de mundo dado, pois não é conferida à mulher a possibilidade de deslizar entre diferentes perspectivas que abrangem uma concepção de mundo em que ela possa expressar os significados de seu adoecimento, carregados de marcas de sentimentos de inadequação que se chocam com as perspectivas impostas pelo mundo cultural.

Nos casos de TDAH com sintomas de desatenção - falta de atenção na realização de tarefas pouco estimulantes, falta de atenção para detalhes, não completar tarefas, alta distraibilidade, perder coisas, esquecer atividades, dificuldade de planejar e organizar, na presença de fortes estímulos não se observa desatenção - é possível observar um cenário em que o contexto de submissão e menosprezo da capacidade intelectual da figura feminina ganha um domínio. No caso de TDAH com

sintomas de hiperatividade - atividade motora excessiva, realização de múltiplas tarefas, falar muito, falar sem pensar, impulsividade, se colocar em situações de alto risco - é possível observar um cenário em que o contexto de exibir um comportamento de alta performance não é nada além do esperado socialmente e até mesmo que a figura feminina apresenta como característica intrínseca ao seu gênero, a loucura. Ainda há a possibilidade de haver a sobreposição de comorbidades nesses contextos, como o transtorno depressivo e o transtorno alimentar, mas os significados e possíveis reflexos desses não serão detalhados neste estudo.

Assim, as perspectivas de explorar um mundo no qual a possibilidade de se reconhecer como um sujeito que vivencia uma condição de adoecimento, ao invés do ponto de vista de que sua existência se resume a uma incapacidade de performar seu papel social ou que está fadada a cometer transgressões, são cerceadas. Quando somado ao cenário de manejo de sintomas, tratando-se dos diagnósticos tardios, muitas vezes esses modos compensatórios existenciais se desestabilizam frente à impossibilidade de sustentá-los.

Diante de uma existência marcada por sentimentos de culpa, vergonha e autocrítica, o diagnóstico tardio emerge como consequência de um contexto social opressor que impede as mulheres de reconhecerem a possibilidade de estarem em sofrimento psíquico. Assim, lançadas em um mundo que constantemente nega essa possibilidade, é estabelecida uma visão segundo a qual a facticidade posta não pode ser negada, de modo a personificarem a concepção de corpo como termo não percebido, cedendo às normas que estabelecem que elas não podem se reconhecer como sujeitos cujos sentimentos merecem validação. Nesse sentido, nota-se que o caminho para a compreensão da concepção de que o problema não reside inteiramente nelas, mas em uma sociedade que lhes nega a possibilidade de sentir e de ser, mostra-se turvo, visto que exige a escolha de um modo de ser que é conflitante com a ordem vigente.

O reconhecimento desta realidade, da relação intrínseca entre o corpo feminino e o mundo, e do impacto que ela causa no modo de ser no mundo é uma tarefa solitária, pois recai sobre a própria mulher a responsabilidade de perceber e promover mudanças. Dessa forma, na medida em que se coloca no mundo, a mulher vivencia os acontecimentos externos a si mesma, e se dá conta de que o seu ser no mundo é

composto de múltiplas partes, e cada uma delas é vivenciada, tanto aquelas que perpetuam modos de ser tradicionais, quanto as que reconhecem a autenticidade dos diferentes modos de ser.

Perante a noção de que não se constitui um mundo delimitado, não é possível negar esta realidade que se apresenta, pois o destino do feminino não é sucumbir. Suas possibilidades de autocompreensão e existência plena no mundo devem vir atreladas ao reconhecimento de seu contexto social no âmbito de seu sofrimento psíquico. Nesta ocasião, torna-se evidente o colapso frente à impossibilidade de expressão, convocando o sujeito a "olhar para ver" (Merleau-Ponty, 1945, p. 268), ou seja, reconhecer o seu corpo como potência expressiva, como ser próprio e no mundo. Desse modo, chama o sujeito a estar no mundo de modo autêntico, a reconhecer a ligação fundamental entre o corpo e o mundo e a vivenciar o corpo de modo transcendente e existencial.

Considerar a intersubjetividade ao pensar a respeito desta temática do diagnóstico tardio de TDAH é refletir acerca dos significados que se apresentam frente a realidade de que não há como isolar a doença do mundo e, conseqüentemente, das existências do feminino nas quais esse diagnóstico é presente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha como objetivo analisar uma possível relação entre o diagnóstico tardio de TDAH em mulheres com os estereótipos atrelados a esse grupo social, considerando um olhar fenomenológico conceituado na teoria de Merleau-Ponty. A partir deste estudo, foi possível concluir que há uma correlação entre os aspectos previamente mencionados, algo alcançado através de uma retomada histórica que perpassou pelo viés mitológico a título de exemplificação de como são retratados tais estereótipos. Em vista disso, através dos conceitos de expressão e percepção, da teoria merleau-pontyana, foi possível estabelecer uma relação concreta entre os modos de ser no mundo do feminino e as implicações disso frente ao cenário do diagnóstico tardio de TDAH. Concluiu-se que não é possível desatrelar os aspectos do sofrimento psíquico que acompanham a doença do contexto histórico-social das mulheres na sociedade ocidental.

Durante este percurso, os maiores desafios consistiram na delimitação da revisão histórica das mitologias, no sentido de estabelecer um limite para os parâmetros das representações dos significados de ser mulher em nossa sociedade. Ademais, quanto ao diagnóstico tardio de TDAH, percebeu-se que são escassos os estudos que avaliam esta temática partindo de visões que colocam como foco principal o diagnóstico em mulheres, assim como quais os seus reflexos, de modo detalhado, acerca dos impactos desse diagnóstico tardio na vida adulta.

Para futuras pesquisas, seria interessante haver um aprofundamento nos diferentes modos de ser que englobam o cenário do diagnóstico tardio na vida adulta, assim como estudos voltados para o público feminino, tanto da perspectiva geral quanto a partir de recortes sociais que tragam enfoque para outras minorias, para que sejam reconhecidas outras formas de ser que são impactadas com esse diagnóstico, a fim de instrumentalizar diferentes grupos acerca do convívio com o adoecimento psíquico.

O processo de realização do presente estudo foi desafiador, pois justamente trata-se de um tema ainda pouco explorado. As reflexões aqui propostas foram elaboradas com o intuito de abrir mais caminhos para a ampliação da conscientização dos impactos dos construtos sociais sobre o sofrimento psíquico. Desse modo, a partir

desta pesquisa, espero poder ampliar o repertório de demais colegas da área, assim como fazer deste uma inspiração pessoal para seguir estudando sobre essa temática e aprimorar a minha atuação profissional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, B. **Adoecimento psíquico das mulheres devido a construção social da mulher**. Monografia (Curso de Psicologia) - Universidade de Uberaba. Uberaba, Minas Gerais, 2022, p. 11. Disponível em: <https://dspace.uniube.br/bitstream/123456789/1984/1/BIANCA%20B%20c3%81RBARA%20BORGES%20ANDRADE.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- BABILONI, Teresa Encarnación Villalba. Hécate, Una Diosa De Los Caminos. **III Congreso virtual sobre historia de las vías de comunicación**, del 15 al 30 de septiembre de 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5714852.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.
- BASTOS, J; ARAÚJO, O. De Lilith à Hécate: A Recepção Do Folclore Hebraico À Cultura Grega. (2019) v. 4 n. 2 : **XXXVIII Encontro de Iniciação Científica**, Encontros universitários da UFC. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/eu/article/view/58602/156356>. Acesso em: 28 set. 2023.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena**, Universidade Católica de Pernambuco. 2020. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.
- CASADEI, Eliza Bachega. A Inserção das Mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa: Primeiras Experiências do Final do Século XIX. **Revista ALTERJOR**, Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). Ano 2002 – Volume 01. Ed. 03. Janeiro-Junho de 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88218>. Acesso em: 29 out. 2023.
- CORTESE, Samuele; COGHILL, David. Twenty years of research on attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD): looking back, looking forward. **Evid Based Mental Health**, November 2018, Vol 21 No 4. Disponível em: <https://mentalhealth.bmj.com/content/ebmental/21/4/173.full.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.
- COSTA, Sâmara Araújo. O corpo como ser no mundo na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE** v.6 n.2, 2015. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3429/3536>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- FREIRE, M. S.; PEREIRA SOBRINHO, V.; DA CONCEIÇÃO, G. H. A FIGURA FEMININA NO CONTEXTO DA INQUISIÇÃO. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p. 53–58, 2000. DOI: 10.17648/educare.v1i1.1003. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1003>. Acesso em: 28 set. 2023.
- GATT, Pablo. As representações negativas acerca da figura feminina na antiguidade greco-romana e nos discursos dos cristianismos dos primeiros séculos e medieval. **Revista Faces de Clio**, ISSN 2359-4489, Vol.6 | N.11 | jan./jun. 2020. Disponível em:

<https://periodicoshomolog.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/29676/20801>.

Acesso em: 28 set. 2023.

GONZÁLEZ, Arantzazú López. EL MITO DE LILITH EVOLUCIÓN ICONOGRÁFICA Y CONCEPTUAL. **Revista Legado de Arquitectura y Diseño**, 2013, Vol.,, núm.14, pp.105-114. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477947373009>. Acesso em: 28 set. 2023.

GUTIÉRREZ, Daniela A. Uolla. **Significaciones asociadas a la feminidad en la trayectoria de enfermedad mental de mujeres que se atienden en la red de salud mental y psiquiatría del servicio de salud Metropolitano Sur**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica em Adultos) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade do Chile. Santiago, p. 149, 2017.

LOPES, Silvana Fernandes. “Retratos” De Mulheres Na Literatura Brasileira Do Século XIX. **Revista Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, ano 12, n. 15, p. 117-140, jan. jun. 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/8e5bb6e2-1ab6-46df-a3c9-2efd23505880/content>. Acesso em: 29 out. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

Ministério da Saúde. **Entre 5% e 8% da população mundial apresenta Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade**. Gov.br, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade>. Acesso em: 28 set. 2023.

MONTESÓ, Pilar. et al. **Factores sociológicos que influyen en el desarrollo de la depresión en las mujeres**. *Anuario Hojas de Warmi*, n 16, 2011. Disponível em: <https://revistas.um.es/hojasdewarmi/article/view/156831>. Acesso em: 27 fev. 2024.

MÜLLER, Marcos José. **Merleau-Ponty**: Acerca da expressão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

OLIVEIRA, Mirian Luísa Torres. Os Impactos dos Sintomas do TDAH no Adulto. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v.4, p.26-46, 2022. Disponível em: <https://reben.emnuvens.com.br/revista/article/view/41/37>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PAES, I. **Caracterização dos sinais de desatenção e hiperatividade ao longo do desenvolvimento do adulto**. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, p.193. 2018.

RASTRO invisível das mulheres, em poema de Flávia de Queiroz Lima. **Pangeia Editora**, 09 nov. 2023. Disponível em: <https://editorapangeia.com.br/rastro-invisivel-mulheres-poema-flavia-queiroz-lima/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

REIS, N. B. O corpo como expressão segundo a filosofia de Merleau-Ponty. **Kínesis**, Vol. III, nº 06, Dezembro 2011, p. 137-153. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4429>. Acesso em: 03 mai. 2024.

RIBEIRO, Clícia Esteves. **A situação da mulher nas relações sociais através da ótica do catolicismo e do feminismo**. Monografia (Bacharel em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense. Rio Das Ostras, 2017, p.93. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/5369/TCC%20CL%c3%8dCIA%20ESTEVE%20S.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 set. 2023.

ROBLES, M. **Mulheres, Mitos e Deusas**: O feminino através do tempo. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2019.

RODRIGUES, D. Escritos de e para Mulheres no Século XIX: A Representação da Mulher no Jornal Das Senhoras. **Revista Outras Fronteiras**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 54–76, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/256> Acesso em: 29 out. 2023.

SALVE, Virginio. et al. ADHD and Bipolar Disorder in Adulthood: Clinical and Treatment Implications. **Medicina** 2021, 57, 466. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8151516/pdf/medicina-57-00466.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

SILVA, Gabriel Bezerra; SILVA, Gilvanice Pereira. Uma revisão literária acerca dos desafios no diagnóstico do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em mulheres. In: FARIAS, Helena Portes Sava (org). **Práticas, políticas e inovação na abordagem multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Editora Epitaya, 2023, p. 146-156. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/651/541>. Acesso em: 15 fev. 2024.

THAPAR, Anita. et al. Practitioner Review: What have we learnt about the causes of ADHD?. **Journal of Child Psychology and Psychiatry** 54:1 (2013), pp 3–16. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3572580/pdf/jcpp0054-0003.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

VERISSIMO, Danilo Saretta. Considerações sobre corporeidade e percepção no último Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, 18(4), outubro-dezembro/2013, 599-607. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/wZZB9kBgDVqLFHrY5Zm3nxt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2023.

VERISSIMO, D. S. A noção de esquema corporal na filosofia de Merleau-Ponty: análises em torno da Fenomenologia da percepção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 205-225, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v12n1/v12n1a12.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

VIEIRA, Marcelo Rosa. Sobre uma ontologia do imanente e do transcendente em Edmund Husserl. **Revista Primordium** v.1, n.2, p. 69 - 83, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/primordium/article/download/39057/20638>.

World Health Organization. **ICD-11 for mortality and morbidity statistics**. Version: 2019 April. Geneva: WHO; 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>. Acesso em: 28 set. 2023.

ZANELLO, V; Fiuza, G; Costa, H. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 238-246, set.-dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/7ZzRG6HkzvbGYj35qZxNzyP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2023.